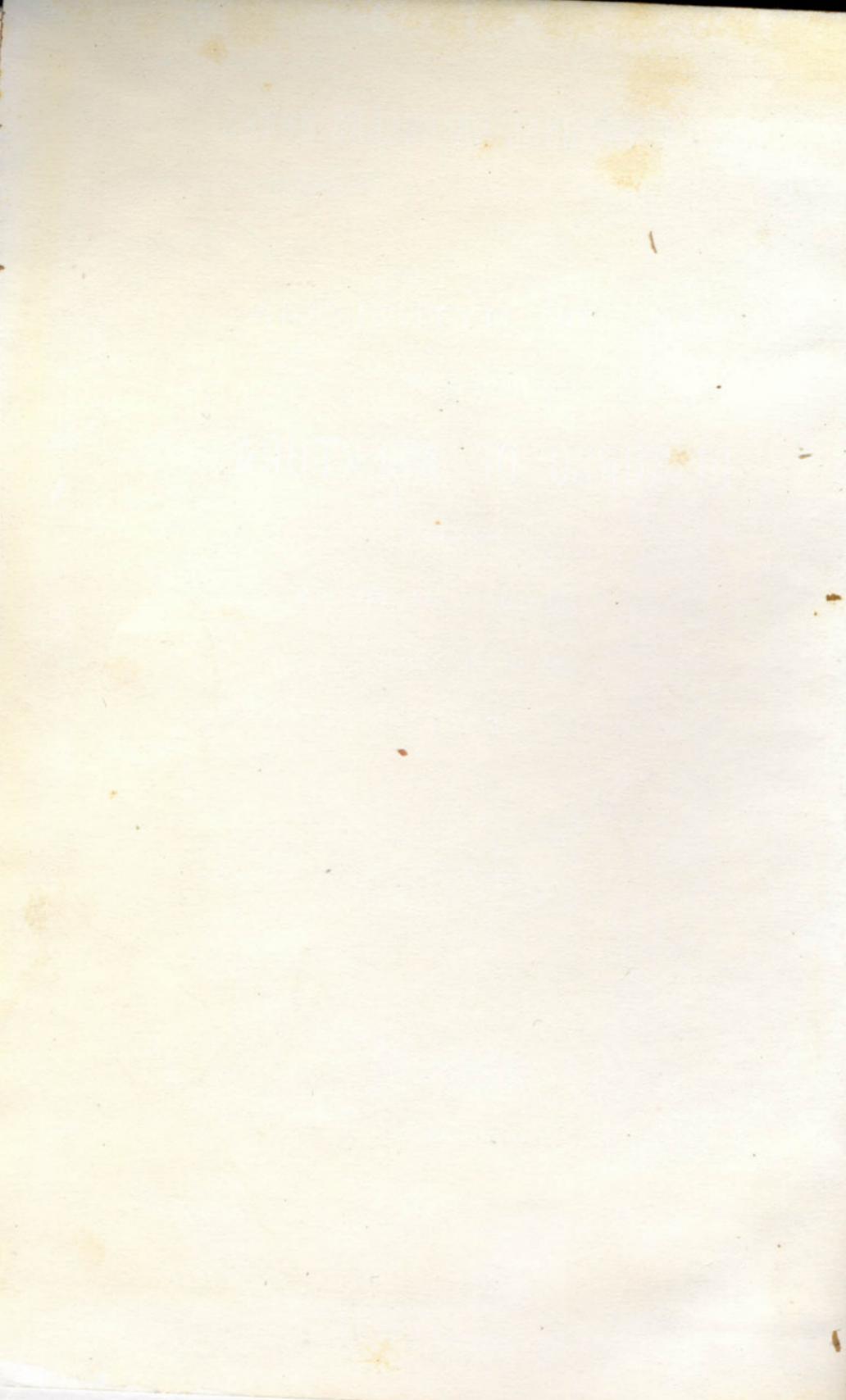






OR  
292  
H765a



ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES

B.P.  
58

AULA DE MYTHOLOGIA,

Anno lectivo de 1896

DISCURSO DE ABERTURA

PELO PROFESSOR

F. J. Homew de Mello,

EM 20 DE ABRIL

PUBLICADO POR ORDEM DA DIRECTORIA



LUIZ MACEDO - QUITANDA 64

RIO DE JANEIRO

292  
H765a

5



OR  
292  
H 7650

053/N

H.04.2011

454469

## Alumnos da Aula de Mythologia

Julieta França.

Corina Torres.

Renato de Castro.

Theodoro Braga.

Manoel Campello.

José Octavio C. Lima.

Alfredo Kwakowski.

Pedro Coutinho.

José de Moraes Silva Junior.

---

1847  
HISTORICAL

# AULA DE MYTHOLOGIA

ANNO LECTIVO DE 1896

*Discurso de abertura em 20 de Abril\**

Chamado por Acto do Governo da Republica de 15 d'este mez para reger esta Cadeira, venho hoje abrir o curso de Mythologia do corrente anno lectivo.

O programma, que encontrei adoptado, contém indicações geraes que serão aproveitadas em nosso estudo, mas serão ampliadas e desenvolvidas em plano mais extenso, segundo o programma, que tenho formulado para ser submittido á illustrada Congregação d'esta Escola. Procurarei tornar o ensino mais concreto possivel, acompanhando as manifestações da arte antiga e moderna que tomaram por assumpto as creações da Mythologia.

O fim da lei, creando esta Cadeira, de accordo com a esclarecida iniciativa do digno Director d'esta Escola, cuja honrosa presença n'esta aula tem o nosso mais vivo reconhecimento, não foi preconisar este ramo do ensino, dando-lhe preeminencia sobre tal ou tal outro. A Arte não conhece preferencias.

A unica lei, que rege n'este assumpto, é a expontaneidade perfeita do genio do artista. O ideal do ensino em materia de arte consiste simplesmente em habilitar a cada um, por meio do preparo mais

\* Prelecção oral reproduzida pelas notas dos alumnos revistas pelo autor.



adequado, a tirar o melhor partido das faculdades que elle recebeu da natureza e que convenientemente dirigidas attingem ao seu mais completo desenvolvimento.

Sobre a Mythologia tem-se de tal modo exercido em todos os tempos o genio dos grandes mestres, que seria incompleto e mutilado todo o ensino que se desse, pondo de parte essa poderosa manifestação da arte.

A admiração dos seculos não se fatiga em contemplar os primores da arte antiga, que apparecem representados no Jupiter Olympico de Phidias, na Venus de Milo, no Apollo de Belvedere, na Diana Caçadora, no Hermes de Praxiteles, e tantos outros.

Em epoca posterior os grandes genios que constituem a maior culminancia da arte, Corregio, Poussin, Raphael, Thorwaldsen, Cenova e outros, trataram os assumptos mythologicos com tal superioridade, que não se sabe o que mais admirar: se os primores da arte sacra que nos legaram, ou a interpretação que deram a essas concepções do genio antigo.

Na arte de nossos dias, vemos a Mythologia inteira passar diante de nós nos admiraveis quadros de Paul Baudry, nos paineis decorativos da Grande Opera.

E mais recentemente vemos o Presidente da Real Academia de Londres Lord Frederick Leighton tomando em tanta predilecção os assumptos mythologicos, que tem sido com razão denominado o

apostolo do bello na Mythologia. N'esta verdadeira restauração da arte antiga, feita pelo grande mestre, a critica assignala essas composições tão felizes de rigoroso estylo archaico, em que se admirão os largos pannejamentos, harmonia de linhas, figuras grupadas em attitudes esculpturaes, correctas e naturaes, respirando graça e movimento.

Assim, no dominio da arte, a Mythologia nos apparece como uma renovação perpetua.

Para que uma criação da imaginação possa assim atravessar as idades exercendo tão poderosa influencia sobre os maiores genios, é preciso que ella represente realmente uma alta culminancia da mentalidade humana.

Effectivamente no genesis mysterioso das concepções do mundo primitivo, nenhuma epoca mais grandiosa do que essa em que o homem procurando devassar os arcanos de seu proprio destino, lançava-se além nas profundezas do espaço, librando-se em um raio de luz entregue á contemplação do infinito.

E' verdade que a formosa filha de Tethys não lhe revelou logo todas as magnificencias do mundo celeste.

Mas, estava feita a grande iniciação. De um lado as energias latentes, que o Universo encerra em seu seio, ou as mysteriosas aspirações que nos prendem aos mundos do ideal.

De outro lado, a intelligencia do homem chamando á si todas essas energias e submettendo-as ao seu dominio.

Assim nos apparece o mytho de Prometheo arrebatando ao Céu o fogo sagrado; ou essa graciosa criação de Psyché, symbolo sublime das provações que preparão a alma humana para o seu destino immortal.

E vêde o espirito geral dominante na Mythologia.

Um sopro de energia viril corre sobre suas creações poderosas, como o fluido divino, *o ichor*, que tornava immortal a vida das Deoses.

Em vez da theoria deprimente do trabalho como uma condemnação, o ennobrecimento, a glorificação de tudo quanto sahe das mãos do homem.

“Pondo o Céu, observa um artista notavel, em contacto com as cousas da terra, os antigos davão por esse meio a todas as acções da vida um fim moral e elevado. Em seus quadros representando o trabalho humano, apparece uma infinidade de pequenos genios alados misturando-se nos differentes misteres d'este, parecendo suavisar-lhe as fadigas e nobilitar-o por sua presença”.

Se ha na Historia um espectaculo que possa excitar a nossa admiração e fixar no mais alto gráo a attenção do philosopho, é este da mudança da mentalidade humana atravez dos tempos.

Em seu perpassar pelo espaço, os astros não occuparam, não occuparão nunca o mesmo ponto em que n'este momento se movem.

Assim tambem o espirito humano, sempre illuminado de novos clarões no cahir das idades, rasgando diante de si horisontes indefinidos.

Hontem o homem povoava os Céos, transportando para elles suas paixões divinizadas, seus sentimentos e até os assomos de sua colera.

Hoje o homem despoeva os Céos, concentra sobre a terra as mysteriosas energias de sua intelligencia; e mais poderoso que os Deoses de Homero, que transpunhão de um só passo a amplidão dos Céos, confia seu pensamento a um debil fio que pareceria um prolongamento de seu cerebro e o faz circular em um instante do tempo de uma á outra extremidade do planeta.

Qual d'estas idades é mais grandiosa ?

Qual d'ellas traduz melhor os arcanos derradeiros de nossos destinos ?

Não sei nem temos de o saber.

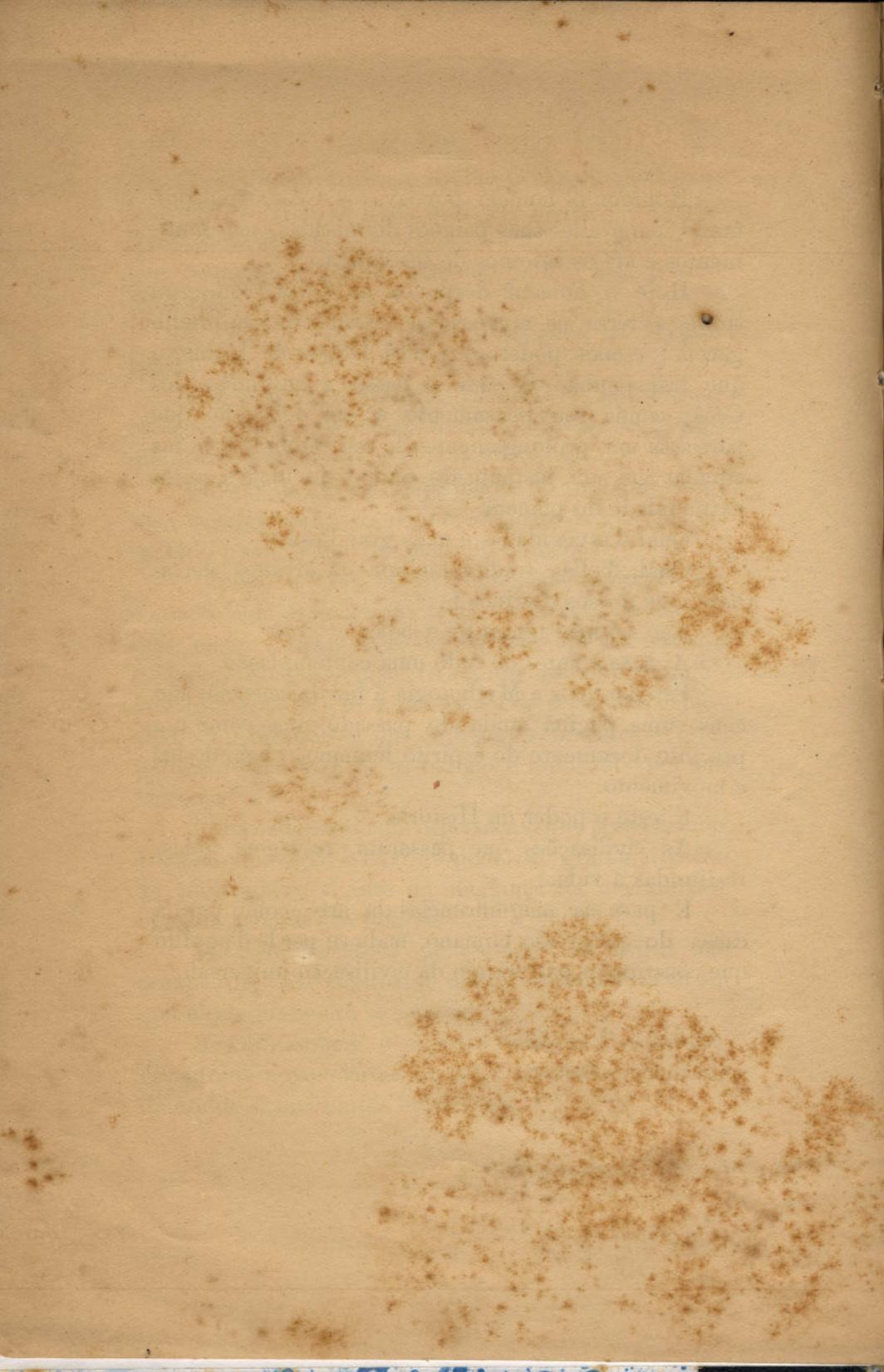
A Arte é antes de tudo uma contemplação.

Estudaremos a Mythologia á luz da sciencia, não como uma pagina muda do passado, mas como um precioso documento do espirito humano, cheio de luz e movimento.

E' este o poder da Historia.

As civilizações que passaram, resurgem todas, restituidas á vida.

E para as magnificencias da arte, como para a causa do progresso humano, nada se perde d'aquillo que constitue o patrimonio da civilização universal.



# ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES

ANNO LECTIVO DE 1896

## Programma da Aula de Mythologia

*Approvado pelo Conselho escolar em Sessão  
de 29 de Maio de 1896*

○ A Mythologia. A Fabula. O Mytho. O Symbolo. Allegoria. Anthropomorphismo. Theogonia. Hesiodo. Homero. Ovidio.

### Os Deoses do Olympto

Jupiter. Seus attributos. Sua representação na arte antiga e moderna.

Neptuno. " "

Marte. " "

Mercurio. " "

Vulcano. " "

Apollo. " "

Juno. " "

Vesta. " "

Ceres. " "

Diana. " "

Venus. " "

Minerva. " "

As Divindades do Céu.

As Divindades da Terra.

As Divindades do Mar e das Aguas.

As Divindades do Inferno.

Os Heroes e Semi-Deoses.

Identificação das Divindades Gregas e das Divindades Romanas

As Divindades Italicas.

Os Templos e os altares do culto dos Deoses.

Os respectivos estylos de architectura.

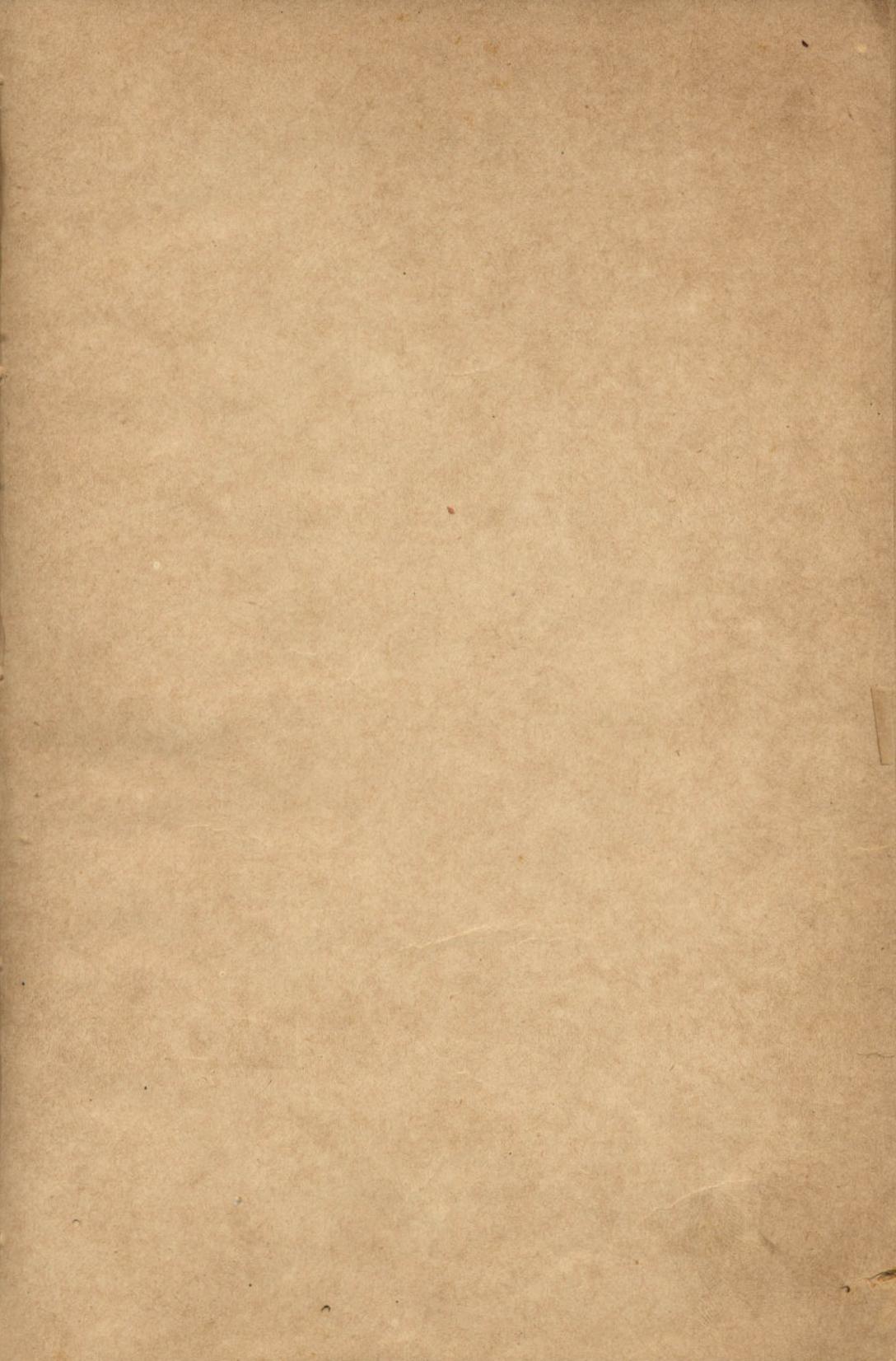
A Mythologia na Arte antiga e moderna.

Escola Nacional de Bellas Artes, 20 de Abril  
de 1896

O PROFESSOR

Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.





LIBRARY OF THE  
CITY OF BOSTON

LIBRARY OF THE

CITY OF BOSTON

LIBRARY OF THE

CITY OF BOSTON

LIBRARY OF THE

CITY OF BOSTON

ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES

---

MYTHOLOGIA

---

COSMOGONIA

IDENTIFICAÇÃO DAS DIVINDADES GREGAS  
E ROMANAS

EMBLEMAS DOS DEUSES

---

Lições do Professor Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello



RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL

1896

REPUBLICAN PARTY OF THE STATE OF TEXAS

STATE OF TEXAS

CONSTITUTION

ARTICLE I

SECTION 1



ARTICLE II

SECTION 1

ARTICLE III

ARTICLE IV

# ESCOLA NACIONAL DE BELLAS ARTES

ANNO LECTIVO DE 1896

## Programma da Aula de Mythologia

Approvado pelo Conselho escolar em Sessão de 29 de Maio de 1896

A Mythologia. A Fabula. O Mytho. O Symbolo. Allegoria.  
Anthropomorphismo. Theogonia. Hesiodo. Homero. Ovidio.

### Os Deoses do Olympto

Jupiter  
Juno  
Neptuno  
Ceres  
Apollo  
Diana  
Vulcano  
Minerva  
Marte  
Venus  
Mercurio  
Vesta

Seus attributos. Sua representação na arte antiga e moderna.

As Divindades do Céu.

As Divindades da Terra.

As Divindades do Mar e das Aguas.

As Divindades do Inferno.

Os Heroes e Semi-Deoses.

Identificação das Divindades Gregas e das Divindades Romanas.

As Divindades Italias.

Os templos e os altares do culto dos Deoses.

Os respectivos estylos de architectura.

A Mythologia na Arte antiga e moderna.

Escola Nacional de Bellas Artes, 20 de Abril de 1896.

O PROFESSOR

Francisco Ignacio Marcendes Homem de Mello.

Alumnos da Aula de Mythologia

Julieta França.

Corina Torres.

Renato de Castro.

Theodoro Braga.

Manoel Campello.

José Octavio C. Lima.

Alfredo Kwakowski.

Pedro Coutinho.

José de Moraes Silva Junior.

Aluizio Carlos d'Almeida Stahlembrecher.

---

# MYTHOLOGIA

OBRAS CLASSICAS

ΟΜΗΡΟΥ:

ΙΛΙΑΣ  
ΟΔΥΣΣΕΙΑΣ

---

ΗΣΙΟΔΟΥ:

ΘΕΟΓΟΝΙΑ  
ΑΣΗΣ ΗΡΑΚΛΕΟΥΣ  
ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ

---

ΑΠΟΛΛΩΝΙΟΥ ΤΟΥ ΡΟΔΙΟΥ  
ΑΡΓΟΝΑΥΤΙΚΩΝ

---

ΠΙΝΔΑΡΟΥ:

ΟΛΥΜΠΙΟΝΙΚΑΙ	Ode IX. Deucalion e Pyrrha.
ΠΥΘΙΟΝΙΚΑΙ	Ode IV. Os Argonautas.
ΙΣΘΜΙΟΝΙΚΑΙ	Ode V. Feitos de Hercules.
ΝΕΜΕΟΝΙΚΑΙ	Ode VII. Culto de Ilithya.

---

Σοφοκλής }  
Αΐδκυλος } Tragedias.  
Ευριπίδης }

Apuleius. Metamorphoses.

Livro IV. Psyche.

TITI LUCRETI CARI: De Rerum Natura.

---

M. T. CICERO: De Natura Deorum.— De Fato.

---

OVIDIO: Heroides. Metamorphoses.

A edição das *Metamorphoses*, de Amsterdam 1732, reeditada na Collecção Armand Silvestre, em 1894, contém 80 gravuras dos grandes mestres do 18º seculo, todas sobre assumptos mythologicos, dando-lhes feliz interpretação.

CLAUDIANUS: De Raptu Proserpinæ. Gigantomachia.

---

#### CRITICA MODERNA

J. J. Winckelmann (bibliothecario do Vaticano). Histoire de l'art chez les anciens, 1764, 2 vol. in. 4º trad. en français par Sellius e Robinet.

---

C. A. DEMOUSTIER: Lettres a Emilie sur la Mythologie. Paris, 1786-1798. Trata o assumpto sob fórma humoristica. Segunda edição com estampas. Paris, 1841.

---

DR. FRED. CREUZER: Symbolik und Mythologie der alten Völker, besonders der Griechen. neue Aufl. mit. einer Kupfer sammlung. Leipzig. 1800.— 4 vol 2ª ed. Darmstadt, 1819-23, in-8º 3ª ed. Leipzig. 1836-43. Traduzida em francez e refundida por: J. D. Guigniaut, sob o titulo: Religions de l'antiquité considérées dans leurs formes symboliques et mythologiques. Paris, 1825-1850, 9 vols. in.-8. Avec atl.

---

G. HERMANN: Lettres sur Homère et Hésiode et particulièrement sur la Theogonie. Heidelberg. 1818.

— Lettres sur la Nature de la Mythologie et manière de l'expliquer. Leipzig 1819.

---

QUATREMÈRE DE QUINCY: Le Jupiter Olympien. (Planches et figures coloriées) Paris, 1815, in fol. max. Monumento de restituição artistica.

---

J. ODOLANT DESNOS: Mythologie Pittoresque, 1839. Com 24 illustrações.

---

SIR WILLIAM SMITH : Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology, 1841 - 1849, 3 vol. in. 8°.

Nova edição sob o título: A Classical Dictionary of Greek and Roman Biography, Mythology, and Geography. London, 1894. Monumento de Erudição Classica. Tradução Franceza Resumida por N. Theil, Paris, 1884.

Cours de Mythologie par M. Noel et M. Chapsal. Paris 1854.

TH. MOMMSEN : Histoire Romaine. Paris, 1863-1872.

DOMENICO MONACO, et EDOUARD MONTAGNE : LES MONUMENTS du Musée National de Naples. Cent soixante — huit Planches. Naples. 1864.

HON. W. E. GLADSTONE : *Homeric Synchronism* London, 1876. *Juventus mundi*. Homer. London, 1891.

A. C. MOREAU DE JONNÈS : Les Temps Mythologiques. — Essai de Restitution Historique. Paris, 1876.

RENÉ MÉNARD : La Mythologie dans l'Art Ancien et Moderne. Paris 1878. 2<sup>me</sup> Edition, Paris, 1880.

A. BOUCHÉ-LECLERCQUE : Histoire de la Divination dans l'Antiquité. 4 vols. Paris. 1879-1882.

P. DECHARME : La Mythologie de la Grèce Antique. Paris, 1879. Seconde Edition, Revue et Corrigée, Paris, 1886.

ERNEST CURTIUS : Griechische Geschichte. Trad. française 1880-1883.

O RIEMANN : La Grèce. Paris. 1884. p. 5.

MAXIME COLLIGNON : Mythologie Figurée de la Grèce. Paris, 1885.



HENRI DU CLEZIOU: La Création de l'Homme et Les Premiers Ages de l'Humanité. Paris, 1887.

---

VICTOR DURUY: Histoire des Grecs. Paris. 1887-1889: I. 180.

---

OLIVIER RAYET: Histoire de la Céramique Grecque. Paris, 1888.

---

LOUIS DYER, B. A. OXON: Studes of The Gods in Greece.— At Certain Sanctuaries.— Recently Excavated. London, 1891.

---

R. ENGELMANN: L'Oeuvre d'Homère.— Illustrée par l'Art des Anciens. Traduit de l'allemand. Paris, 1891.

---

KATHERINE A. RALEIGH: The Gods of Olympos or Mythology of the Greeks and Romans. The Twentieth Edition of A. H. Petiscus. London, 1892.

---

E. M. BERENS: The Myths and Legends of Ancient Greece and Rome.— Being a Popular Account of Greece and Rome Mythology. London, 1892.

---

M. MAXIME COLLIGNON, W. HELBIG: L'Épopée Homérique.— Expliquée par les Monuments. Traduction Française De M. Fl. Trawinski. Paris, 1894.

---

DR. CONSTANTINE RHOMAIDES: Olympia. The Hermes of Praxiteles.

2<sup>a</sup> Edition. Illustrations (7). Athens. 1894. in fol. maximo.

---

REV. DR. BREWER: A Guide to Grecian History, Mythology and Literature. London.

---

H. DE LA VILLE DE MIRMONT: La Mythologie et les Dieux dans les Argonautiques et dans l'Énéide. Paris, 1894.

---

# I

## COSMOGONIA

DEMIURGIA. O GENESIS. O RIG-VÉDA. A DEOSA NEITH.  
THEOGONIA DE HESÍODO: O CANTO DAS MUSAS. PLATÃO. ARISTOTELES.  
O CANTO DE ORPHEU. CICERO. LUCRECIO. OVIDIO.

---

As concepções demiúrgicas abrem a primeira pagina da historia do pensamento humano.

No genesis das idéas primitivas nenhuma ha tão grandiosa como a que se gerou no espirito do homem ao receber as impressões do aspecto do mundo exterior.

A Cosmogonia constitue o começo da vida de todos os povos, rodeando de augustos mysterios o berço da humanidade.

A criação do mundo, *Cosmogonia* — Κόσμος — Υἱνομαι — foi o problema cheio de eternos encantos, que o espirito humano encontrou escripto na face mesma do Universo, ao receber as impressões primeiras do aspecto da natureza. Ferida por esse maravilhoso espectaculo, a intelligencia do homem foi além, antolhando em uma intuição luminosa os phenomenos portentosos que se deram nas épocas coevas da formação do planeta.

E' digno da magestade da sciencia, bem como da missão sublime da arte, affrontar essas culminancias deslumbrantes da mentalidade humana.

D'esse cimo elevado, alongando os olhos pela amplidão do espaço, divisamos muito além dos horisontes da historia os clarões primeiros que illuminam as origens da humanidade.

Os monumentos das primeiras épocas nos permitem assistir ao despontar das noções a principio vagas e indecisas do systema dos mundos.

Assim, a Cosmogonia nos apparece como a grande nebulosa, em que se gerou e desenvolveu-se a Mythologia.

Vejamos como a concepção cosmogonica se formulou primeiro na mentalidade das raças superiores, revelada nos seus genios mais poderosos.

O *Genesis* apresenta-nos o quadro sublime da Creação. A luz, principio da vida universal, surge evocada á voz do Senhor:

*Fiat lux, et lux facta est.*

E o espirito de Deos pára por sobre as aguas: *Spiritus Dei super aquas ferebatur*. Concepção cheia de grandeza, magnificamente traduzida pelo genio de Raphael e de E. Delacroix no fresco do Vaticano *Spiritus Dei*, e no *Triumpho da Luz* sobre as trevas, no Louvre.

No Rig-Véda o primeiro esboço da natureza exterior contemplada pelo homem nos apparece em um quadro symbolico, em que *P'rtoci*, o Γη dos Gregos, representa a Terra; *Varuna* ou Ouranos dos Gregos, é a abobada celeste; e *Dyaus*, Dios ou Zeus dos Gregos, representa o espaço luminoso.

Na Cosmogonia Egypcia, a Deosa Neith, personificação da abobada celeste, circumda o espaço luminoso attingindo a Terra em suas extremidades, e sobre esta a Deosa Maut preside ao equilibrio do Universo.

Na *Theogonia* de Hesiodo, as Musas que *no Olympo encantam a sublime intelligencia de seu Pai*, cantam as leis do Universo. (4).

Platão no Timêo refere-se á criação do mundo nos termos seguintes:

” Antes de formar-se o Céu, a materia estava submettida a forças variadas, que a solicitavam em sentidos oppostos.

(4) Ησιόδου Θεογονία. Canto das Musas, No Canto I v. 6 a 66.

” Deos a separou dando-lhe fórma distincta. Por sua perfeição, Deos só podia produzir obra perfeita.

” Assim, formando o mundo, Elle o dotou com intelligencia, n’elle movendo-se perennemente como em um ser animado, todas as forças vivas que constituem a sua essencia”. (2).

No mesmo cyclo de idéas, move-se o systema de Aristoteles, discipulo de Platão.

” O systema dos mundos é eterno.

” Não conhece nem principio nem fim.

” Dos dominios da sciencia deve banir-se essa velha ficção, que nos representa a Terra sustentada pelo fabuloso Atlas.”

Na *Argonautica*, ” Orpheu canta o mar, o céu e a terra, confundidos a principio em um só todo, debatendo-se depois em temerosa lucta, separando-se afinal em corpos distinctos. Os astros, a lua e os caminhos do sol rasgam no espaço o seu signo irrevogavel. Surgem as montanhas; e os rios, rompendo das rochas, confiam ás Nymphas os seus segredos no sussurro de suas aguas”. (3)

Cicero, o grande orador, comprehendeu tambem em suas cogitações philosophicas este transcendente assumpto.

” .... Deus, cujus hoc templum est omne quod conspicias....

.... hisque (hominibus) animus datus est ex illis sempiternis ignibus, quæ sidera et stellas vocatis; quæ globosæ et rotundæ, divinis animatæ mentibus, circos suos orbesque conficiunt celeritate mirabili.”

” Todo este Universo, que nos rodeia, é o templo de Deos.

” Ao homem deu Elle uma alma, raio d’esses fogos eternos, que vós chamais astros e estrellas, espheras luminosas, que, animadas de intelligencias divinas, descrevem no espaço suas orbitas com maravilhosa velocidade.” (4)

(2) Timée, trad. de M. H. Martin.

(3) Απολλωνίου του Ροδίου, Αργοναυτικα. Livro I v. 492 a 511.

(4) Cicero, De Republica, liv. 6o VIII : Sonho de Scipião.

Lucrecio nos apresenta um quadro admiravel do systema do Universo.

" Nec mare, nec cœlum, nec denique terra, neque aër,

" Nec similis nostris rebus res ulla videri :

" Sed nova tempestas quædam, molesque, coorta.

" Diffugère indè loci partes cœpère paresque

" Cum paribus jungi res et discludere mundum." (5)

Esta imagem apparece reproduzida com a mesma poderosa intuição nos conhecidos versos de Ovidio :

" Ante, mare, et tellus, et quod tegit omnia, cœlum,

" Unus erat toto Naturæ vultus in Orbe,

" Quem dîxere Cahos, rudis, indigestaque moles.

" Nec quicquam nisi pondus iners congestaque eodem.

" Non bene junctarum discordia semina rerum". (6)

Assim, n'essas épocas remotas as inspirações dos poetas, como as cogitações dos philosophos, confundem-se em um thema commum, que se desdobrou no correr dos tempos, differenciando-se segundo a indole particular de cada povo.

A poesia traduzio essas grandiosas concepções que nos apparecem no limiar da humanidade, immortalizadas pelo sentimento religioso dos povos.

A culminancia da historia, como a da arte, está e estará sempre no alto fastigio das éras primitivas.

---

(5) De Rerum Natura. Livro V, v. 433 a 440.

(6) Metamorphoses, Livro I v. 5 a 9.

## II

A MYTHOLOGIA. SEU CARACTER GERAL. SUA IMPORTANCIA NA HISTORIA DA ARTE  
A MYTHOLOGIA E O SECULO XIX \*

---

Chamado por acto do Governo da Republica de 15 d'este mez para reger esta Cadeira, venho hoje abrir o curso de Mythologia do corrente anno lectivo.

O programma, que encontrei adoptado, contém indicações geraes que serão aproveitadas em nosso estudo, mas serão ampliadas e desenvolvidas em plano mais extenso, segundo o programma, que tenho formulado para ser submettido á illustrada Congregação d'esta Escola. Procurarei tornar o ensino o mais concreto possível, acompanhando as manifestações da arte antiga e moderna que tomaram por assumpto as creações da Mythologia.

O fim da lei, creando esta Cadeira, de accordo com a esclarecida iniciativa do digno Director d'esta Escola, cuja honrosa presença n'esta aula tem o nosso mais vivo reconhecimento, não foi preconisar este ramo do ensino, dando-lhe preeminencia sobre tal ou tal outro. A Arte não conhece preferencias.

A unica lei, que rege n'este assumpto, é a expondaneidade perfeita do genio do artista. O ideal do ensino em materia de arte consiste simplesmente em habilitar a cada um, por meio do preparo mais adequado, a tirar o melhor partido das faculdades que elle recebeu da natureza e que convenientemente dirigidas attingem ao seu mais completo desenvolvimento.

---

\* Lição de abertura em 20 de Abril.

Sobre a Mythologia tem-se de tal modo exercido em todos os tempos o genio dos grandes mestres, que seria incompleto e mutilado todo o ensino que se dêsse, pondo de parte essa poderosa manifestação da arte.

A admiração dos seculos não se fatiga em contemplar os primores da arte antiga, que apparecem representados no Jupiter Olympico de Phidias, na Venus de Milo, no Apollo do Belvedere, na Diana Caçadora, no Hermes de Praxiteles, e tantos outros.

Em epoca posterior os grandes genios que constituem a maior culminancia da arte, Corregio, Poussin, Raphael, Thorwaldsen, Canova e outros, trataram os assumptos mythologicos com tal superioridade, que não se sabe o que mais admirar: si os primores da arte sacra que nos legaram, ou a interpretação que deram a essas concepções do genio antigo.

Na arte de nossos dias, vemos a Mythologia inteira passar diante de nós nos admiraveis quadros de Paul Baudry, nos paineis decorativos da Grande Opera.

E mais recentemente vemos o Presidente da Real Academia de Londres Lord Frederick Leighton tomando em tanta predilecção os assumptos mythologicos, que tem sido com razão denominado o apostolo do bello na Mythologia. N'esta verdadeira restauração da arte antiga, feita pelo grande mestre, a critica assignala essas composições tão felizes de rigoroso estylo archaico, em que se admiram os largos pannejamentos, harmonia de linhas, figuras grupadas em attitudes esculpturaes, correctas e naturaes, respirando graça e movimento.

Assim, no dominio da arte, a Mythologia nos apparece como uma renovação perpetua.

Para que uma criação da imaginação possa assim atravessar as idades exercendo tão poderosa influencia sobre os maiores genios, é preciso que ella represente realmente uma alta culminancia da mentalidade humana.

Effectivamente, no genesis mysterioso das concepções do mundo primitivo, nenhuma época mais grandiosa do

que essa em que o homem procurando devassar os arcanos de seu proprio destino, lançava-se além nas profundezas do espaço, librando-se em um raio de luz, entregue á contemplação do infinito.

E' verdade que a formosa filha de Tethys não lhe revelou logo todas as magnificencias do mundo celeste.

Mas, estava feita a grande iniciação. De um lado as energias latentes que o Universo encerra em seu seio, ou as mysteriosas aspirações que nos prendem aos mundos do ideal.

De outro lado, a intelligencia do homem chamando á si todas essas energias e submettendo-as ao seu dominio.

Assim nos apparece o mytho de Prometheo arrebatando ao Céu o fogo sagrado; ou essa graciosa criação de Psyché, symbolo sublime das provações que preparam a alma humana para o seu destino immortal.

E vêde o espirito geral dominante na Mythologia.

Um sopro de energia viril corre sobre suas criações poderosas, como o fluido divino, *o ichor*, que tornava immortal a vida dos Deoses.

Em vez da theoria deprimente do trabalho como uma condemnação, o ennobrecimento, a glorificação de tudo quanto sahe das mãos do homem.

“Pondo o Céu, observa um artista notavel, em contacto com as cousas da terra, os antigos davam por esse meio a todas as acções da vida um fim moral e elevado. Em seus quadros representando o trabalho humano, apparece uma infinidade de pequenos genios alados misturando-se nos differentes misteres d'este, parecendo suavisar-lhe as fadigas e nobilitar-o por sua presença”.

Si ha na Historia um espectaculo que possa excitar a nossa admiração e fixar no mais alto gráo a attenção do philosopho, é este da mudança da mentalidade humana atravez dos tempos.

Em seu perpassar pelo espaço, os astros não occuparam, não occuparão nunca o mesmo ponto em que n'este momento se movem.

Tal é tambem o espirito humano, sempre illuminado de novos clarões no cahir das idades, rasgando diante de si horisontes indefinidos.

Hontem o homem povoava os Céos, transportando para elles suas paixões divinizadas, seus sentimentos e até os assomos de sua colera.

Hoje o homem despvoa os Céos, concentra sobre a terra as mysteriosas energias de sua intelligencia; e mais poderoso que os Deoses de Homero, que transpunham de um só passo a amplidão dos Céos, confia seu pensamento a um debil fio que pareceria um prolongamento de seu cerebro e o faz circular em um instante do tempo de uma â outra extremidade do planeta.

Qual d'estas idades é mais grandiosa?

Qual d'ellas traduz melhor os arcanos derradeiros de nossos destinos?

Não sei nem temos de o saber.

A Arte é antes de tudo uma contemplação.

Estudaremos a Mythologia á luz da sciencia, não como uma pagina muda do passado, mas como um precioso documento do espirito humano, cheio de luz e movimento.

E' este o poder da Historia.

As civilisações que passaram, resurgem todas, restituídas á vida.

E para as magnificencias da arte, como para a causa do progresso humano, nada se perde d'aquillo que constitue o patrimonio da civilisação universal.

---

### III

ORIGENS DA MYTHOLOGIA. POLYTHEISMO. O CULTO DA NATUREZA.  
GENESIS DAS RELIGIÕES PRIMITIVAS. THEOGONIA. HESIODO, HOMERO, OVIDIO.  
ANTHROPOMORPHISMO. A FABULA. O SYMBOLO. ALLEGORIA.\*

---

Chama-se Mythologia a religião dos antigos Gregos e Romanos.

Esta religião era o *polytheismo* ou a adoração de muitos Deoses.

Estes Deoses eram a personificação, ou dos seres humanos com os seus attributos divinizados, ou das forças da natureza representadas por seres imaginarios.

Assim, a Mythologia é em fundo a religião ou o culto da natureza.

As origens d'este culto perdem-se nas lendas primitivas das populações, que do Egypto e Asia vieram se estabelecer nas terras fronteiras da Europa desde o Peloponeso até a Thessalia e a Thracia.

D'este modo, as tradições que se fundiram na Mythologia são em parte Thracias, em parte Egypcias e em parte Phenicias.

A critica moderna tem procurado levar as suas investigações até essas épocas remotissimas, tentando explicar as creações tão engenhosas quanto originaes d'esse maravilhoso genesis das religiões primitivas.

Não ha senão louvar essas gloriosas audacias do espirito humano.

Essas investigações, porém, pertencem a outra sciencia e sahem fóra do quadro de nosso estudo n'este Instituto.

---

\* Segunda lição.

O que é positivo é que em época anterior á invenção da escripta, as circumstancias dos factos primevos, umas perderam-se, outras avultou-as a imãginacão popular, outras accrescentou-as, ornando-as de fabulas e ficções o profundo sentimento theocratico das populações primitivas.

Assim appareceu o *mytho*, que forma todo o fundo da Mythologia.

Após o despontar do periodo historico, genios creadores recolheram essas tradições e as fixaram na fórma definitiva, que chegou até nós.

D'ahi a *Theogonia* de Hesiodo, e a *Iliada* de Homero, completadas mais tarde pela *Argonautica* de Apollonio de Rhodes e pelas *Metamorphoses* de Ovidio.

Estamos aqui em presença dos mais portentosos monumentos, de que se possa orgulhar o espirito humano.

A Mythologia é pois uma perfeita realidade historica no sentido de representar, como representa, um estado certo e definido da mentalidade humana em uma época dada.

O caracter dominante da Mythologia é o anthropomorphismo. A fórma humana, o summo ideal do bello, é a fórma que revestem os Deoses.

D'ahi a deificação da belleza.

Assim, a Mythologia tornou-se a manifestação mais poderosa da arte grega.

Abrangendo em suas maravilhosas concepções todo o vasto quadro da natureza, a Mythologia é por excellencia a religião dos symbolos e das allegorias.

A allegoria é e será sempre uma das mais poderosas manifestações da arte.

E a Mythologia é uma eterna allegoria.

D'ahi a sua importancia na historia e no ensino da arte.

Entretanto, pelas ficções que a exornam, creadas pelas concepções maravilhosas do genio antigo, é ella tambem designada sob o titulo de *Fabula*.

N'este caso, porém, a expressão é technica, e toma-se como synonyma. Assim se diz: *Os Deoses da Fabula*;

e Chompré denominou o seu trabalho sobre a Mythologia, Dicionário da Fabula.

Em sua acceção geral, como sabeis, a palavra fabula significa — ficção, conto ou narrativa engendrada para demonstrar uma moralidade. Taes são as fabulas de Aesopo, as de La Fontaine, etc.

Em nenhum ramo da arte tem se multiplicado tanto os symbolos e as allegorias, como na *Mythologia*.

Importa, pois, conhecer o valor exacto de cada uma d'estas manifestações da arte.

Symbolo (σύν, com; ἐάλλω, collocar: comparar).

1º Figura ou imagem empregada para designar d'uma maneira sensível uma cousa puramente moral: ex.: aquella menina é o symbolo da candura; o cordeiro é o symbolo da mansidão.

2º Formulario que contém os principaes artigos da fé: O symbolo dos Apostolos.

Symbolismo Christão: pequena pomba representando o Espirito Santo.

Symbolismo Romano: a aguiã representando as armas romanas.

O mesmo no symbolismo moderno: a França, a Rússia representadas pela aguiã.

Allegoria (ἄλλος, outro; ἀγορεύω, dizer; figurar uma cousa e representar outra). Ficção que apresenta um objecto ao espirito para despertar a idéa de outro objecto; v. g.: quatro figuras de moças para representar as quatro estações do anno.

A *Philosophia*, a *Theologia*, de Raphael;

Um operario de forja, trabalhando o ferro, como allegoria do seculo XIX;

As graciosas allegorias de E. Bisson;

A Carioca de Pedro Americo;

O Quinze de Novembro de Belmiro de Almeida, e outras.

Nenhuma das grandes manifestações da arte, põe em tão larga contribuição o talento inventivo do artista, como a *Mythologia*. *allegoria*.

É tambem o mais difficil dos generos e que só póde ser accomettido com temeroso respeito.

Traduzindo toda a vastidão da concepção imaginosa, a composição, revestindo fórmula concreta, deve entretanto guardar, como velado em uma região superior, o summo ideal que se perde no mysterioso prestigio das grandes creações da imaginação.

Taes são entre outras as magnificas allegorias de Lord Frederick Leighton: a *Meditação*, o *Genio da Culminancia*.

A regra unica n'este caso é a inspiração do artista. Si o fogo sagrado o visita, siga elle seu glorioso destino, certo de que sobre o seu trabalho descerá a luz serena e pura, que torna immortaes as obras de arte.

---

## IV

### NATUREZA DOS DEOSES

---

E' assumpto de grande interesse no estudo da Mythologia, a maneira pela qual os antigos definiam os attributos da Divindade.

Cicero, sobretudo, em sua obra *De Natura Deorum*, demonstra que a Providencia dos Deoses governa o Universo e regula os negocios humanos, livro 2º capitulos 29 a 66.

A these theologica sahe fóra do quadro de nosso estudo. Mas temos de considerar aqui qual a natureza attribuida á essas Divindades, bem como o seu poder e os seus attributos.

As feições características das Divindades Gregas estão magistralmente delineadas pelo mythologista inglez E. M. Berens, o qual por uma penetrante intuição do passado, parece restituir-nos as primeiras impressões do homem ante os phenomenos portentosos das idades mais remotas.

Os Deoses dos Gregos tinham a apparencia dos mortaes, mas excediam inteiramente a estes em belleza, em grandeza, em expressão e em força. A altura era considerada pelos Gregos como um dos attributos da belleza, tanto no homem como na mulher: assim, os Deoses eram sempre representados em elevada estatura, ostentando em seu aspecto magestade ou graça.

Os Deoses tinham sentimentos, affectos e habitos communs aos mortaes, casavam-se ou com outras Divindades, ou com os mortaes, e tinham filhos; tomavam alimentação, o nectar e a ambrosia, para restaurar suas forças,

estavão sujeitos á fadiga e tomavam descanso, como mostra a bella estatua representando Mercurio sobre o Monte Ida.

Tinham igualmente um sommo reparador para renovar suas energias. Seu sangue, um brilhante fluido ethereo, o *ichôr*, os preservava de toda e qualquer molestia, e tinha o poder de reproduzir-se em nova vida quando derramado, como a seiva de algumas plantas, que se reproduzem em novos exemplares quando mergulhados no sólo qualquer de seus galhos.

Assim, mais do que um simples culto de Deoses ficticios, a Mythologia nos apparece sob um aspecto novo, dos mais interessantes que possa offerecer a historia das religiões. Tal é a crença na existencia de *uma humanidade superior* que assim nos apparece no systema religioso de um povo, cuja alta mentalidade não foi excedida pela de nenhum outro. Esta concepção original é sem duvida digna de fixar a attenção do philosopho.

Os Gregos davam a seus Deoses qualidades sobrenaturaes, mas attribuiam-lhes as paixões humanas, ou ternas ou viris, e entre ellas o amor e o odio, a vingança e o ciume; nunca, porém, paixões ignobeis ou deprimentes.

Os mortaes que desprezavam seu culto, ou profanavam seus ritos, eram punidos com crueis calamidades. Estes Deoses e Deosas entravam em relações com os mortaes, tomavam-lhes affeições, visitavam-nos e aceitavam por vezes sua hospitalidade, ou contrahiam consorcio com elles, provindo d'essa união os Heroes ou Semi-Deoses, tão celebrados pelo seu poder e pela sua coragem.

Havia comtudo uma differença caracteristica que distinguia essencialmente os Deoses e os mortaes: esta caracteristica era a immortalidade, da qual só os primeiros gozavam.

Como os Deoses não eram invulneraveis, e eram igualmente passiveis de dôr, vemos que não raras vezes elles em seus soffrimentos lamentavam-se d'esse privilegio,

ou pediam ser alliviados d'elle, tal o exemplo de Calypso em sua Ilha, lamentando-se da partida de Ulysses.

E' uma das mais magestosas concepções da Mythologia o poder superior dos Deoses, que não tinha limites nem no tempo, nem no espaço. São conhecidos os sublimes versos de Homero, em que os Deoses são representados transpondo de um só passo a amplidão dos Céos.

Os Deoses tinham o attributo de se tornarem invisiveis, e de se transformarem á vontade em homens ou em animaes, conforme conviesse a seus fins; e bem assim podiam transformar os seres humanos em arvores, pedras ou animaes, ou como punição a seus delictos, ou como meio de os proteger contra perigo imminente.

Seus trajes eram similhantes aos dos mortaes, porém mais perfeitos, e em tudo de rigorosa correção e alinhó. Traziam armas, lanças, escudos, capacetes, arcos e flechas.

Tinha cada Divindade um carro magnifico, tirado por aves, por cavallo, ou por animaes ferozes, docilmente submettidos ao seu poder.

As Divindades do Olympo, que compunham o Conselho dos Deoses, habitavam cada um em sua mansão no cimo do Monte Olympo, em palacios de bronze, sempre encobertos pelas nuvens, só descerradas quando os Deoses desciam á terra, fechando-se immediatamente.

Estas nuvens, que constituíam as portas do Olympo, eram rigorosamente guardadas pelas *Horas*, velando-se assim religiosamente aos olhos dos mortaes o prestigio dos Deoses como em uma região mysteriosa.

Em sua notavel obra *O Genio do Christianismo*, Chateaubriand preconisa esta concepção como o zymbolo da realza antiga.

Os banquetes dos Deoses, bem como suas festividades, celebravam-se aos accordes da lyra de Apollo, casados ás vozes harmoniosas das Musas, que entoavam o hymno celeste.

Em honra dos Deoses erigiam-se templos magnificos, e foi este o inicio da grande architectura, elevando-se até

ás mais sublimes concepções da arte. N'elles se depunham opulentas offerendas, fazendo-se em honra dos Deoses sacrificios de animaes, e em tempos mais remotos, até de victimas humanas.

A Mythologia faz menção de seres gigantescos, arremessando rochedos, solevando montanhas, e fazendo estremecer o sólo em que foram sotopostos, produzindo vulcões e terremotos. Taes concepções por mais extranhas que sejam, parecem ter sido oriundas da impressão assombrosa que no animo dos homens primitivos deviam ter produzido as convulsões do globo nas éras prehistoricas.

Para o homem de hoje taes phenomenos por mais extraordinarios que sejam, recebem explicação facil, como resultante de leis physicas perfeitamente definidas e conhecidas, como se deu com a pavorosa catastrophe de Krakatoa em 1882.

O mesmo não se dava nas éras remotissimas em que esses cataclysmos temerosos desabavam sobre a imaginação apavorada do homem primitivo. O trovão, o relampago e o raio são hoje phenomenos perfeitamente conhecidos, e até sujeitos em parte ao poder da sciencia: o homem primitivo, porém, acreditava ver n'elles os efeitos da colera celeste, e um pavor mysterioso se apoderava de todo o seu ser.

Nas concepções da Mythologia, todo o Universo tinha uma vida propria; movia-se e respirava, revestindo fórmulas indefinidas de graça e de belleza, que eram personificadas em uma divindade.

---

A Mythologia Grega recebida na Italia, encontrou ahi tradições e crenças religiosas peculiares ás raças ou povos primitivos da península.

D'ahi a differença que em alguns pontos se caracteriza entre as Divindades Hellenicas e as Divindades Italias.

”As crenças populares da Grecia e da Italia, diz Mommsen, repousam sobre um fundo commum de noções hauridas na ordem physica, e transformadas em allegorias e em symbolos, havendo assim grande analogia entre o Pantheon Grego e o Romano.

”As creações dos Gregos, oriundas de suas crenças religiosas, eram tão vivas, que elles viram logo n'ellas todo o esplendor e todo o poder das forças naturaes; e na opulencia de sua imaginação, revestiram-nas de todos os attributos da belleza. O sentimento religioso dos Italiotas não foi menos intenso, mas seguiu direcção diversa: adstrictos á *Idéa*, elles não a deixam obscurecer-se sob a fórma exterior. Quando o Grego sacrifica, tem os olhos voltados para o Céu; o Romano, no mesmo acto, vela a cabeça: um, contempla em quanto ora, o outro, pensa.

”No seio da natureza, o Romano vê sempre o *universal* e o *immaterial*. Jupiter e Juno tornam-se o ideal do homem e da mulher; a Dea Dia ou Ceres, representa a força productiva, Minerva o poder da memoria.

”Ao espirito do Romano só fallam a abstracção e suas formulas. No Grego, pelo contrario, tudo é concreto, tudo se corporifica.

” Na Grecia a *pessoa* dos Deoses, sua representação plastica é tudo: em Roma, só predomina a *idéa* da Divindade. O mesmo vocabulo latino Religio (vinculô pelo qual nos prendemos perpetuamente á lei moral), representa uma denominação e uma idéa que nada tem de commum com a lingua e com o pensamento dos Hellenos.

” No *Latium* as virtudes poderosas da vida publica e privada, são a *prudencia*, a *riqueza*, a *força*: o Grego, porém, colloca acima de tudo a supremacia e o culto do bello.

” Assim, os dous povos que por sua alta mentalidade prepararam para a humanidade a culminancia da civilisação, tiveram, sim, origens communs, mas seguiram caminhos diversos.

” Os Hellenos tiveram sobre os seus rivaes a vantagem da intelligencia mais comprehensiva e de um clarão mais luminoso: mas o sentimento profundo do universal no particular, a abnegação e o sacrificio pessoal, a crença severa e firme nos Deoses do paiz, esses são o patrimonio e a riqueza da nação italiana.”

Assim, apesar de se haverem fundido em uma só a Mythologia Hellenica e a Religião dos Romanos, pela mesma indole e pelo papel historico tão diverso dos dous povos, operou-se a differenciação entre as Divindades Gregas e as Divindades Italianas.

Transferidos para o *Latium*, os Deoses do Olympo e todo o seu brilhante cortejo receberam nova denominação; e seu culto, bem como as concepções que lhes são relativas, vieram a variar consideravelmente.

---





"Hpa

As vinte Divindades Superiores

NOMES GREGOS	NOMES LATINOS	EMBLEMAS	ESTYLO DOS TEMPLOS	IDENTIFICAÇÃO PHYSICA
<b>1ª DYNASTIA</b>				
1 Ἀνάγκη, Ananke. . . . .	Necessitas, Fata	Na mão direita, pregos de bronze; na mão esquerda Cornucopia.		
2 Οὐρανός, Ouranos. . . . .	Uranus, Cœlus.	Firmamento estrellado, o sol e a lua.		
3 Γαῖα, Γῆ, Gaia, Gæ . . . . .	Tellus . . . . .	Carro tirado a 2 leões, fronte encimada por corôa mural, chave na mão direita, cortejo triumphal.		
<b>2ª DYNASTIA</b>				
4 Κρόνος, Cronos . . . . .	Saturnus . . . . .	Foice, azas, ampulheta; e serpente como symbolo da eternidade.		
5 Ῥέα, Rhea. . . . .	Ops; Cybele, Agdistis, Dindymene. . . . .	Folhas de carvalho, corôa mural, chave na mão. Carro tirado por 2 leões. . . . .		

NOMES GREGOS	NOMES LATINOS	EMBLEMAS	ESTILO DOS TEMPLOS	IDENTIFICAÇÃO PHYSICA
<b>3ª DYNASTIA</b> PARTILHA DO MUNDO PELOS DEUSES <b>OS DEUSES DO OLYMPO</b> <small>ALTAR DOS DOZE DEUSES NO LOUVRE</small>				
6	Ζεὺς, Δεὺς, Zeus, Deus	Jupiter	Dorico . . . . .	O Ether.
7	Ἥρα, Hera	Juno	Jonico . . . . .	O Céu estrelado.
8	Ποσειδῶν, Poseidon	Neptuno	Dorico . . . . .	O Oceano.
9	Γημήτηρ, Demeter, Gemeter	Ceres	. . . . .	O Principio Procreativo.
10	Ἀπόλλων, Phoibos, Apollon, Phoibos	Apollo, Phœbus	. . . . .	A Luz.
11	Ἄρτεμις, Φοίβη, Eucleia, Artemis, Phoibe	Diana	Corinthio . . . . .	. . . . .
			Arco, aljava, corça. Crescente. Galgo.	Jonico.

Na mão dir. raio, na esq. sceptro ou a Victoria ; folhas de carvalho. Agua. Boi.

Stephanos (Diadema). Himation, véo (estrellado). Sceptro encimado por cuco. Fuso. Pavão. Romã.

Tridente. Carro tirado por cavallos marinhos

Espigas de trigo. Séga

Cornucopia na mão direita, globo na esquerda. Phorminx (Lyra) aljava.

NOMES GREGOS	NOMES LATINOS	EMBLEMAS	ESTYLO DOS TEMPLOS	IDENTIFICAÇÃO PHYSICA
12 <sup>7</sup> Ἡφαιστος, Hephaistos .	Vulcanus . . . . .	Bigorna, martello, escudo . . . . .	. . . . .	O Fogo elemental.
13 <sup>8</sup> Ἀθήνη, Ἀθηνᾶ, Athene, Athena . . . . .	Minerva . . . . .	Egide, Capacete, Lança, Coruja, Serpente . . . . .	Dorico.	
14 <sup>9</sup> Ἄρης, Ares . . . . .	Marte . . . . .	Lança, capacete, escudo, Touro. Gallo.	Dorico.	
15 <sup>10</sup> Ἀφροδίτη, Aphrodite . . . . .	Venus . . . . .	Carro tirado por pombas ou cygnos. Myrtho . . . . .	Corinthio . . . . .	A Belleza Physica.
16 <sup>11</sup> Ἑρμῆς, Hermes . . . . .	Mercurius . . . . .	Caduceo. Petaso alado; bolsa na mão direita, azas nos calcanhares.		
17 <sup>12</sup> Ἑστία, Hestia . . . . .	Vesta . . . . .	Corôa mural. Chave e fiauta na mão direita. Leão . . . . .	Corinthio.	

NOMES GREGOS	NOMES LATINOS	EMBLEMAS	ESTYLO DOS TEMPLOS	IDENTIFICAÇÃO PHYSICA
18 Διόνυσος, Διώνυσος, Διόνυσος . . . . . Dionysos . . . . .	Bacchus, Liber.	Thyrso. Copo na mão direita. Cacho de uvas na esquerda . . . . .	Corinthio.	
19 Ἅιδης, Ἡλούτων, Αἰδης, Hades, Plouton . . . . .	Pluto . . . . .	Sceptro, Capacete, Facho acceso. O cetro-héiro.		
20 Περσεφόνη, Κόρη, Persephone, Kore . . . . .	Proserpina . . . . .	Diadema. Sceptro. Carro tirado por cavallos pretos.		

## DIVINDADES DO CÉO

NOMES GREGOS	NOMES LATINOS
Ἄπολλων, Φοῖβος, Apollon, Phoibos.	Apollo, Phœbus.
Ἥλιος, Helios,	Sol.
Σελήνη, Selene,	Luna.
Ἠώς, Eos,	Aurora.
Θέμις, Themis.	Themis.

## DIVINDADES DO INFERNO

Ἅιδης, Πλουτων, Aides, Hades, Pluton.	Pluto.
Κόρη, Περσεφόνη, Kore, Persephone,	Proserpina.
Ἐρινύες, Εὐμενίδες, Erinyes, Eumenides:	Furiæ, Diræ.
Τισιφόνη, Ἀληκτώ, Μηγαίρα, } Tisiphone, Alekto, Megæra. }	Tisiphone, Alecto. Megæra.

## DIVINDADES DO MAR

Ποσειδῶν, Poseidôn.	Neptunus.
Ἀμφιτρίτη, Amphitrite.	Amphitrite.
Ὠκεανός, Okeanos.	Oceanus.
Νηρεός, Nereus.	Nereus.
Πρωτεύς, Proteus.	Proteus.
Τρίτων, Triton.	Triton.
Γλαυκός, Glaukos.	Glaukus.
Τηθύς, Tethys.	Tethys.
Θαύμας, Thaumás.	Thaumás.
Λευκοθέη, Leukothee.	Leucothea, Leuco- thoe.
Σειρήνες, Sirenes.	Sirenes.

## OUTRAS DIVINDADES

NOMES GREGOS	NOMES LATINOS
Ἔρως, Eros,	Cupido.
Αἴολος, Aiolos.	Æolus.
Ἥβη, Hebe,	Juventus.
Γανυμήδης, Ganymedes,	{ Ganymedes.
	{ Catamitus.
Πλοῦτος, Ploutos.	Plutus.
Νίκη, Niké,	Victoria.
Ἔρις, Eris,	Discordia.
Ἀσκληπιός, Asklepios,	Æsculapius.
Νέμεσις, Nemesis.	Nemesis.
Μοῖραι, Moirai:	Parcæ.
Κλωθὴ; Λάχεσις; Ἄτροπος,	{ Clotho, Lachesis,
Clotho, Lachesis, Atropos.	{ Atropos.
Νύξ, Nyx.	Nox.
Θάνατος, Thanátos,	Mors.
Μορφεύς, Morpheus.	Morpheus.
Τύχη, Tyche,	Fortuna.
Ἄτη, Ate.	Ate.
Πειθὼ, Peitho,	Suada, Suadela.
Μῶμος, Momos.	Momus.
Ἑμὴν, Hymen.	Hymenæus.
Ἴρις, Iris.	Iris.

## AS MUSAS

(RODA DAS MUSAS POR JULIO ROMANO)

NOMES GREGOS	NOMES LATINOS
Μοῦσαι, Mousai,	Musæ:
1 Μελπομένη, Melpomene, Tragedia.	Melpomene.
2 Κλειώ, Kleio, Historia.	Clio.
3 Καλλιόπη, Kalliope, Poesia Epica.	Calliope
4 Ἐρατώ, Erato, Poesia Amorosa e Imitação Mimica.	Erato.
5 Τερψιχόρη, Terpsichore, Dança coral e Canto.	Terpsichore.
6 Πολυμνία, Polymnia, Hymno Sublime.	Polymnia.
7 Οὐρανία, Ourania, Astronomia.	Urania.
8 Θάλεια, Thaleia, Comedia.	Thalia.
9 Εὐτέρη, Euterpe, Poesia Lyrica.	Euterpe.
Ἑσπερίδες,	Hesperides.
Χάριτες, Charites:	Gratiæ.
Ευφροσύνη, Euphrosyne.	Euphrosyne.
Ἄγλαία, Aglaia.	Aglaé.
Θαλία, Thalia.	Thalia.
Ἵσθραι, Horai:	Horæ.
Θαλλω, Thallo.	Thallo.
Καρπω, Karpo.	Carpo.
Ευνομία, Eunomia.	Eunomia.
Δίκη, Dike.	Dicé.
Εἰρήνη, Eirene.	Irene, Pax.
Πάν, Pan.	Pan.
Σάτυροι, Satyroi.	Satyri.

## NOMES GREGOS

## NOMES LATINOS

Νῦμφαι, Nymphai:

Nymphæ:

Ὠκεανίδες, Okeanides, Nymphas do Oceano.

Oceanides.

Νηρηίδες, Nereides, Nymphas do Mediterraneo.

Nereides.

Ναϊάδες, Naiades, dos rios, lagos, etc.

Naiades.

Ὀρειάδες, Oreiades, Montanhas e valles.

Oriades.

Ναπαῖαι, Napaiai, valles.

Napææ.

Δρυάδες, Dryades.

Dryades.

Ἄμαδρυάδες, Hamadryades.

Das arvores.

Hamadryades.

Δοδωνίδες, Dodonides.

Conforme as localidades,

Dodonides.

Νισιάδες, Nysiades.

ou raça.

Nysiades.

Λεμνίαι, Lemniai.

Lemniæ.

Ἵάδες, Hyades.

Hyades (Nimbosæ):

Ἀμβροσία, Ambrosia.

Ambrosia

Εὐδώρα, Eudora.

Eudora.

Πασιθέη, Πεδιλή, Pasithoe ou Pedile.

Pasithoe ou Pedile.

Κορωνίς, Coronis.

Coronis.

Πολυξω, Πλεξάρις, Polixo ou Plexaris.

Polyxo ou Plexaris.

Φυτών, Φυλητων, Phytton ou Phyleto.

Phytton ou Phyleto.

Διώνη, Θυώνη, Dione ou Thyone.

Dionē ou Thyene.

## OS HEROES OU SEMI-DEOSES

NOMES GREGOS	NOMES LATINOS
Περσεύς, Perseus.	Perseus.
Ἡρακλῆς, Ἡρακλεΐδαι, Herakles, Herakleidai.	Hercules. Heraclidæ.
Θησεύς, Theseus.	Theseus.
Ἰασων, Jason.	Jason.
Διόσκουροι, Πολυδεύκης, Τυνδαρεὺς, Τυνδαρεΐδαι, Dioskouroi, Polydeukes, Tyndareus, Tindareidai.	Καστωρ, Castor. Πωλλυξ, Pollux.
Ὀρφεύς, Orpheus.	Orpheus.
Ὀρίων, Orion.	Orion.
Ἀμφίων, Amphion.	Amphion.
Βελλεροφών, Bellerophon.	Bellerophon.

## DIVINDADES ITALICAS

Janus.	Terminus.
Flora.	Consus.
Concordia.	Libitina.
Robigus.	Laverna.
Pomona.	Comus.
Vertumnus.	Camenæ.
Pales.	Genii.
Picus.	Manes.
Picumnus, Pilumnus.	Penates.
Silvanus.	

